



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Original, moderno e monumental: desafios de projetar em Brasília

Original, modern and monumental: challenges to project at Brasilia

Original, moderno y monumental: desafíos para diseñar en Brasilia

ROSSETTI, Eduardo Pierrotti

Arquiteto, Doutor, FAU-UnB, rossettifau@unb.br

RESUMO

Esta comunicação aborda os muitos desafios e as particularidades de projetar em Brasília, para os alunos de uma disciplina de projeto de arquitetura e urbanismo da FAU-UnB, considerando o conjunto urbanístico e as arquiteturas modernas excepcionais de Brasília como um parâmetro para refletir sobre o patrimônio moderno e sua conservação, a fim de pautar a inserção de arquitetura contemporânea em contextos urbanos históricos. Ao articular questões de teoria, história, técnicas construtivas para refletor sobre o patrimônio moderno da cidade, esta disciplina de projeto consegue ao mesmo tempo instaurar uma nova instância crítica sobre a questão da forma na obra de Niemeyer para aqueles que projetarão Brasília.

PALAVRAS-CHAVE: Brasília, patrimônio moderno, Oscar Niemeyer

ABSTRACT

This Communication points out the challenges and peculiarities to design in Brasilia, for students of a discipline of architectural design and urban planning of the FAU-UNB, considering the urban set and exceptional modern architecture of Brasilia as a parameter to reflect on the heritage modern and conservation in order to guide the insertion of contemporary architecture in historical urban context. By articulating questions of theory, history, construction techniques to spotlight on the modern heritage of the city, this design discipline can at the same time establish a new critical stance on the issue as the work of Niemeyer for those who will design and rebuild Brasilia.

KEY-WORDS : Brasilia, modern heritage, Oscar Niemeyer

RESUMEN

La presente Comunicación aborda los muchos desafíos y características de diseño en Brasilia, para los estudiantes de una disciplina del diseño arquitectónico y la planificación urbana de la FAU-UNB, teniendo en cuenta el conjunto urbano y la arquitectura moderna excepcional de Brasilia como un parámetro para reflexionar sobre el patrimonio moderno y conservación con el fin de guiar la inserción de la arquitectura contemporánea en contextos urbanos históricos. Al articular cuestiones de teoría, historia, técnicas de construcción de centro de atención en el patrimonio moderno de la ciudad, esta disciplina diseño puede al mismo tiempo, establecer una nueva postura crítica sobre el tema como la obra de Niemeyer para aquellos que diseñará Brasilia.

PALABRAS-CLAVE: Brasilia, patrimonio moderno, Oscar Niemeyer



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

"...a questão fundamental da arquitetura é resolver problemas."

Paulo Mendes da Rocha

"Uma coisa cacete nas nossas tentativas de assuntos nacionais é que os tratamos como se fossemos estrangeiros: não são exóticos para nós e nós os exotizamos. Falamos de certas coisas brasileiras como se as estivéssemos vendo pela primeira vez..."

Manuel Bandeira

No começo era o ermo...

O que é projetar em Brasília? O que isso significa? Projetar em Brasília é diferente de projetar em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre ou Rio Branco? Projetar em Brasília é diferente de projetar em Londres, Roma, Santiago? O que significa projetar arquitetura numa cidade de concepção modernista? O que é arquitetar numa cidade tombada? O que significa arquitetar numa paisagem urbana histórica? O que é arquitetar numa cidade repleta de obras de Oscar Niemeyer?

Todas estas e outras indagações sobre o ato de arquitetar podem parecer óbvias de serem interpostas entre quem projeta e o desafio arquitetônico a ser resolvido, já que a questão fundamental da arquitetura é resolver problemas em diferentes contextos urbanos, sociais, históricos, geográficos, econômicos e políticos. Contudo, estas questões —quando colocadas diante de alunos que serão futuros arquitetos e urbanistas— podem definir um grau de complexidade que está longe de ser habitual. Se o processo de projetar e aprender a projetar precisa sempre operar com territórios e espaços mais ou menos ocupados, mais ou menos valorizados, mais ou menos reconhecidos, Brasília se coloca como lugar de exceção. Afinal, Brasília não é comum. Mesmo para quem nasceu e/ou sempre morou e/ou viveu no Plano Piloto de Brasília, projetar aqui parece implicar em repensar tudo —o processo histórico, a construção, a arquitetura monumental, etc— para poder conceber soluções arquitetônicas.

Seja diante da folha em branco ou da tela preta, projetar em Brasília instiga a reflexão sobre escalas urbanas, valores simbólicos, qualidades espaciais, processos construtivos, tecnologias e questões formais. Se tal reflexão também ocorreria em quaisquer cidades, em Brasília isso pode ser revigorado, especialmente se o exercício de projeto tem obras de Oscar Niemeyer como vizinho habitual. Portanto, esta comunicação almeja desdobrar todos estes aspectos, a fim de refletir sobre projetar em Brasília a partir das experiências que uma disciplina de projeto —dentro de seus próprios desafios e limites— possibilita empreender.

É diante da cidade existente que tais alunos devem ser habilitados a refletir e projetar. Se no começo do processo de construção e consolidação de Brasília a imagem e os valores simbólicos de isolamento e sofreguidão causados pela paisagem do cerrado predominaram no imaginário nacional através das reportagens de rádio e TV, hoje há um processo dinâmico de ocupação e de transformação do Plano Piloto de Brasília. Ao mesmo tempo em que sua paisagem resguarda uma dose de silêncio e amplidão, a ideia de um território vazio e sem dono é coisa do passado. Nas últimas duas décadas a dinâmica de ocupação do Plano Piloto de Brasília possibilitou um grande volume de construção, contemplando diversos programas arquitetônicos na capital. Edifícios de escritório, edifícios residenciais e comerciais, anexos e novas sedes administrativas, espaços para novas autarquias, clubes, hotéis, mansões, embaixadas foram e seguem sendo construídos ou ampliados e reformados para abrigar funções completamente novas na agenda da cidade, ou para responder às demandas imprevisíveis atuais, transformando e inventando a cidade-capital para além de sua arquitetura monumental.

Tombamento e arquitetura contemporânea

Em meados dos anos 1980, o debate sobre patrimônio consolidado através da *Carta de Washington* e da *Carta de Petrópolis* problematizou a cidade histórica e as funções do centro histórico, considerando sua inserção no debate de planejamento urbano e regional, recobrando as questões representativas de memória e valorizando suas qualidades espaciais. É neste contexto que o tombamento de Brasília se apresentará como um novo paradigma, uma vez que a cidade-capital ainda tinha muito para ser complementada e consolidada. O tombamento de Brasília em nível Federal pautado pela Portaria nº.314/1992-IPHAN resguarda a integridade da concepção urbanística e também valoriza a arquitetura moderna de caráter monumental. Hoje, a despeito de seu valor histórico, incidem vários questionamentos sobre seus limites e sobre sua eficiência que não cabem ser discutidos aqui.

Diferentemente do tombamento de uma situação urbana consolidada —como é o caso de Ouro Preto— o tombamento de Brasília valoriza uma cidade-capital em pleno processo de consolidação urbana e simbólica. Em seus próprios termos, o tombamento de Brasília não exclui a contribuição da futura diversidade arquitetônica. Muito ao contrário, o tombamento antevê novas arquiteturas que venham acrescentar outros significados e novos valores e variedade para sua paisagem urbana histórica e para o espaço urbano de uma cidade-capital. E assim, ao longo dos últimos vinte, vinte e

cinco anos, muita arquitetura foi construída, em que pese a qualidade das experimentações de linguagem e a qualidade espacial ou construtiva das coisas, houve uma abertura, ampliando o repertório do conjunto arquitetônico da cidade para além do universo plástico/construtivo da arquitetura moderna.

Há muito a fazer para melhorar o nível do debate sobre a preservação de Brasília. É urgente preciso superar o esquema reducionista, para muito além do mero “*pode*” ou “*não pode*” que incide sobre quaisquer assuntos correlatos ao tombamento e à preservação, a fim de pautar um debate mais profícuo e legítimo sobre o futuro da cidade. Isso incide diretamente sobre a inclusão de arquiteturas contemporâneas em seus espaços e em sua paisagem. Paradoxalmente, o volume de arquitetura contemporânea de boa qualidade é relativamente pequeno diante do montante que se constrói. E no caso se Brasília, isso gera um problema singular de compreensão da cidade como fato histórico: faltam contrapontos arquitetônicos atuais que evidenciem diferenças temporais e diferenças estéticas entre a potente arquitetura moderna que inaugurou a cidade com as arquiteturas que estão sendo produzidas. A falta de contraponto qualificado gera um problema marcante, especialmente na perspectiva de formação dos estudantes de arquitetura e urbanismo, diante do desafio de projetar em Brasília.

A falta de diversidade de estratos temporais, fomentando a consolidação de novas camadas e referenciais históricos nas cidades tombadas e/ou nos centros históricos já inscritos na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO se configurou como objeto de reflexão e debate que culminou no *Memorando de Viena*, publicado em 2005. A partir da problematização desta tensão entre tempos históricos, foram legitimadas as estratégias de valorizar a inserção de arquitetura contemporânea em centros e cidades históricas. Ou seja, a fim de suplantar quaisquer laivos de caráter conservador a guisa de legitimar a conservação, foi defendida uma perspectiva em que os valores de uso dos espaços urbanos e o funcionamento das cidades devem ser preponderantes. O *Memorando de Viena* incentiva o uso cotidiano dos espaços históricos contando com infraestrutura de mobiliário urbano, obras de arte urbana e paisagismo, para se contrapor aos processos de *gentrification* e museificação. Para tanto, são valorizadas a inclusão de novos espaços públicos, novos edifícios, a expansão e as adições em edifícios históricos existentes. Do ponto de vista da gestão, do planejamento e do projeto, o *Memorando de Viena* pautava a necessária articulação, o diálogo e a mútua participação de administradores, arquitetos e urbanistas, investidores e associações comunitárias trabalhando conjuntamente para pensar e decidir sobre os destinos da cidade e de seu centro, fazendo com que

as resoluções tenham amparo e amplo apoio, afastando-se do caráter impositivo de outras estratégias urbanísticas. Assim, o sentido de pertencimento, a apropriação e a manutenção dos espaços se fortalece, reforçando os vínculos de pertencimento e memória, num processo mais consensual para pautar os graus e níveis de transformação da cidade.

Curioso notar que cidades de interesse histórico inegável, tais como Londres, Roma, Berlim ou Paris, ou mesmo cidades que adquiram visibilidade e interesse mais recentemente como é o caso de Barcelona e Dublin, arquiteturas contemporâneas veem sendo sistematicamente incorporadas em sua paisagem, regenerando espaços públicos e transformando-as através de grandes e pequenas obras. Sejam obras viárias, novas estações de trem, novas linhas de metrô; seja a ampliação e construção de novos museus, ampliação de equipamentos de uso cultural, ou ainda, quando se trata de intervenções de caráter temporário ou da instalação de sistemas de locação de bicicleta, carros elétricos e novas infraestruturas, há inúmeros exemplos bem sucedidos a serem estudados para refletir sobre nossas demandas e possibilidades.

A singela indagação que se coloca é: se estas cidades suportam receber obras contemporâneas, por que razão Brasília não poderia também ser um espaço urbano razoável e adequado para também incorporar edifícios e espaços contemporâneos de qualidade ao seu conjunto arquitetônico, que para além das obras de Oscar Niemeyer possui grande variedade de arquiteturas? Longe do mimetismo boçal de exemplares da arquitetura internacional ou da mera macaquice —há muito já criticada por Mario de Andrade!— uma dose de antropofagia seria saudável para nossa própria reflexão e para que não permanecemos atrasados em relação a nós mesmos. Fazer Brasília foi um ato de tal envergadura que deve ser recobrado para nos lembrar da capacidade de fazer, transgredir, inventar e solucionar diante daquilo que é absolutamente novo. Portanto, pensar sobre a inserção de arquitetura contemporânea em Brasília deveria ser algo normal e não uma coisa excepcional.

Niemeyer: onipresença versus negação

Em Brasília, a falta de contrapontos estabelecidos por boa arquitetura contemporânea em relação à potente arquitetura de Oscar Niemeyer expõe um problema. Para além de Niemeyer, o conjunto arquitetônico de Brasília possui muitos exemplares modernistas de variados graus de qualidade, para as mais diversas funções. Se há arquitetura monumental, há também arquitetura representativa, arquitetura residencial arquitetura comercial, além de obras de caráter utilitário. Diante de um conjunto heterogêneo e amplo, enuncia-se a questão do envelhecimento da arquitetura moderna de

caráter não monumental, que em grande parte edifica os setores da cidade. No limite, isso tensiona a validade simbólica, a qualidade construtiva, o significado de sua linguagem, a utilidade e a função de arquiteturas modernistas, numa cidade de obras excepcionais, antevendo sua substituição. Se não faz sentido pretender tombar todos os edifícios(!), há que se ponderar sobre o entendimento dos valores dessa arquitetura moderna comum, sob pena de não serem consideradas obras relevantes que conjunto da cidade tornam-se relativamente menores.

Uma das questões concernentes aos desafios projetuais dos estudantes é manter-se distante de quaisquer arremedos de arquitetura moderna —um falso-histórico e/ou um falso-artístico— mas para isso é preciso avaliar a fortuna crítica das arquiteturas de Brasília. Trata-se de um debate complexo, articulado entre História, Crítica e Projeto em cujo cerne os alunos devem se situar e tomar posições para arquitetar. Se por um lado, morar em Brasília recupera lições de arquitetura, instiga repensar questões da história da arquitetura brasileira, repensar escalas, qualidades de espaço e as potencialidades das técnicas construtivas. Por outro lado, entende-se o tamanho do desafio dos alunos diante do processo de enfrentamento crítico da arquitetura monumental e representativa de Oscar Niemeyer, que valoriza aspectos formais e constrói um repertório singular, sendo construída com enorme rigor técnico. Contudo, seu peso não deve malograr a gestação de novas arquiteturas forjadas sob outras estratégias para resolver novos problemas de projeto. O enfrentamento crítico da arquitetura de Oscar Niemeyer vem sendo construído com maior intensidade nos últimos 10, 15 anos —através de artigos, dissertações e teses— gerando uma visão mais sofisticada sobre sua obra. Tais perspectivas concorrem para suplantam os extremos entre a apologia simplista e a adoração mítica de um lado, e do outro lado um olhar sectário que nega das suas habilidades técnicas, construtivas, formais e espaciais para tratar e resolver programas complexos.

Considerando as obras construídas e publicadas hoje, já foi possível estabelecer novos parâmetros para avaliar as questões construtivas e formular novas abordagens históricas sobre sua arquitetura. Hoje, a grande questão que se coloca é conhecer os arquivos da fundação que enverga seu nome. Este acervo, com arquivos desconhecidos e não publicados pode conter croquis surpreendentes, estudos de proporção, estudos de obras alheias, edifícios inéditos, conjuntos arquitetônicos para lugares inimagináveis, exercícios de desenho e composição que esclarecem a construção de seu repertório formal, anotações, diários, cartas, filmes, fotografias, etc, que podem revelar um Oscar Niemeyer tão potente e instigante quanto aquele que, hoje, julgamos conhecer.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Projetar em Brasília possibilita empreender a retomada crítica dos nexos da arquitetura de Niemeyer, quando os parâmetros formais já não bastam. Projetar em Brasília possibilita repensar sua obra numa chave crítica mais sofisticada superando as tensões já conhecidas: forma/função, exuberância formal *versus* tecnologia, etc. A retomada crítica dos nexos das arquiteturas de Niemeyer em Brasília se torna uma demanda premente, a fim também de não desperdiçar um rol de soluções brilhantes e de espaços absolutamente importantes na história da arquitetura brasileira do século XX. Na perspectiva dos alunos, todo esse exercício redefine uma situação em que o enfrentamento do problema da invenção da forma se recoloca com premência.

Aliás, inclusive para todo o campo da arquitetura brasileira há muito o que refletir sobre o problema da invenção da forma legada por Oscar Niemeyer, considerando sua preponderância (ou monopólio!) na construção de obras públicas de caráter monumental e/ou representativo. Trata-se de um enfrentamento importante sob pena de não nos apropriarmos de um repertório formal tão autoral, mas ao mesmo tempo, já tão próprio da nossa arquitetura e, no limite, é tão brasileiro. Para tanto, há que se transformar a maneira de debater a questão da forma, suplantando a ideia de genialidade, as metáforas corporais e seu erotismo, ou ainda a simbiose com a paisagem. A questão da forma não pode conter a capacidade e a desenvoltura projetual, comprometendo de antemão a possibilidade de projetar novas formas sejam elas sinuosas, audaciosas ou potentes.

No fundo, é preciso libertar-se de um dogma que reprime tais especulações de projeto, mas que por outro lado parece não inibir, e talvez até estimule nossa atenção para a exuberância formal praticada por arquitetos estrangeiros, que por sua vez, creditam a gênese dessas formas a Niemeyer! Mais uma vez, uma dose de antropofagia seria saudável para nossa própria reflexão e para que não permanecemos atrasados em relação a nós mesmos. Ou parafraseando Manuel Bandeira, no caso de Niemeyer trata-se de um conjunto de arquiteturas que não são exóticas para nós e nós as exotizamos, tratando de certas coisas brasileiras como se as estivéssemos vendo pela primeira vez!

O exercício de projetar em Brasília

Resolver estes curtos-circuitos teóricos, históricos, técnicos e espaciais, na escala do edifício e da cidade, seja no Plano Piloto de Brasília ou no Distrito Federal, é o desafio de projetar que se apresenta como problema de uma disciplina de Projeto na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília – FAU-UnB, com ênfase em patrimônio. Implantada em 2003 para ajustar-se

às demandas curriculares, a disciplina *PROAU – Projeto de Arquitetura e Urbanismo – 8/Técnicas Retrospectivas* vem contribuindo sistematicamente para a formação crítica de futuros arquitetos que inclusive poderão projetar e intervir nessas obras de Oscar Niemeyer e/ou nos espaços urbanos oriundos do Plano Piloto de Lucio Costa, pautando uma reflexão sobre as questões do patrimônio moderno e sua conservação.

Revigorada como um exercício de projetar no contexto de uma cidade moderna, tombada pelo IPHAN e listada pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade, a disciplina de PROAU se estrutura em três módulos: Módulo-1 – história e teorias de conservação, do restauro e o debate de patrimônio; Módulo-2 – estudos de caso (Brasil/mundo); Módulo-3 – atividade de projeto.

O Módulo-1 apresenta a questão do patrimônio dentro de um debate atual, considerando abordagens historiográficas. Esta perspectiva crítica se define a partir do século XIX até o debate atual das cartas patrimoniais, debate a formação da questão no patrimônio no Brasil e a atuação do IPHAN, culminando numa olhar mais detido sobre o tombamento de Brasília. No Módulo-2 são trabalhados dezenas de estudos de caso, tanto no Brasil, como no âmbito externo a fim de evidenciar questões técnicas, espaciais, compositivas, acessibilidade, segurança, reposição de elementos arquitetônicos, substituição de partes, etc, em miríades de abordagens que constroem um conjunto variado de situações e recobram nossos métodos de leitura das intervenções aqui e alhures. Já a etapa relativa à atividade de projeto do Módulo-3 ocupa metade da carga horária, a fim de haver tempo para diferentes etapas de desenvolvimento e aprimoramento da proposta, trabalhando com desenhos, maquetes e simulações gráficas. Esta etapa é precedida por um trabalho em equipes para realizar o levantamento histórico, iconográfico e um diagnóstico de patologias e outras questões, cujos resultados são apresentados num seminário.

Ao longo dos mais de dez anos —portanto, por mais de vinte edições— PROAU já tomou como objeto de reflexão e intervenção diversos espaços e edifícios, problematizando, debatendo e tomando como caso de estudo o ICC-UnB, o Brasília Palace Hotel, o Cine Brasília, a Escola Classe 408N, a casa de Oscar Niemeyer no Park Way, Casas de fazenda no DF, o edifício do Touring Club, ou ainda o centro histórico de Planaltina. A própria escolha do objeto a ser trabalhado pela disciplina, seja na escala do edifício, seja na escala da cidade ou da paisagem, já aponta para um olhar crítico sobre a cidade e/ou sobre valores patrimoniais que fomentam o debate com os alunos e com os demais professores. Ao mesmo tempo, o objeto escolhido deve proporcionar a reflexão sobre a preexistência, mas também

ser estratégico para instigar uma reflexão sobre a intervenção que esteja respaldada pelo debate sobre arquitetura contemporânea e sobre o projetar contemporâneo. Assim, ao tomar o Plano Piloto de Brasília com campo de especulação, torna-se possível operar numa chave crítica dupla entre o antigo e o novo —quando o *antigo é moderno* e o novo deve ser fatalmente contemporâneo— enunciando um aparente paradoxo, aponta-se para a complexidade inerente ao ato de projetar e revigora-se o olhar crítico sobre o edifício e sobre a cidade moderna e sobre seus desígnios futuros.

Sob minha condução e supervisão, nesta disciplina —ou em disciplina equivalente ministrada em outra Instituição— já foram propostos como objetos para exercícios intervenção os seguintes casos: 1) marquise de comércio e serviço nos Ministérios; 2) feira das flores secas da Catedral; 3) Galeria do Estados; e 4) Biblioteca Central da UnB.

A marquise de comércio e serviço nos Ministérios da Esplanada se trata de uma possibilidade de intervenção prevista inclusive na portaria de tombamento de Brasília que, surpreendentemente, nunca foi objeto de projeto por parte de Oscar Niemeyer ou de quaisquer instâncias do Governo do Distrito Federal. Curioso notar que se trata de uma oportunidade de projetar singular, atuando na escala monumental para configurar as articulações entre os Ministérios e prover a Esplanada de serviços complementares aos servidores federais que lá trabalham, contribuindo para seu pleno funcionamento, adicionando ainda uma dose de urbanidade e convivência hoje inexistente. Considerando os 17 sedes padrão de Ministério existiriam 15 espaços entre estes blocos para serem trabalhadas, podendo haver um módulo a ser repetido, ou um conjunto de soluções que sejam implantadas nos espaços urbanos de alta diversidade que hoje configuram a Esplanada. Interessante destacar que pelo afastamento e pelo adensamento da massa arbórea da Esplanada tal intervenção poderia ficar quase imperceptível no espaço monumental da cidade, ao mesmo tempo em que poderia suprimir demandas patentes do funcionamento da Esplanada. Diante disso, o desafio era propor uma estrutura linear, com mezanino que abrigasse restaurantes e/ou cafés, sanitários, bicicletário, engraxates, pequenas atividades de comércio.

Ainda na escala monumental da Esplanada dos Ministérios foi desenvolvido um exercício de requalificação urbana a fim de realizar a ampliação e melhoria da Feira de Flores Secas que ao longo de décadas consolidou sua atividade próxima à Catedral de Brasília. Trata-se de um comércio de pequeno porte e considerável apelo cultural, já incorporado com valor próprio ao cotidiano da cidade, complementando o caráter turístico que a Catedral desempenha. Ao mesmo tempo, trata-se

de uma oportunidade de intervir na Esplanada e propor ambientes, serviços e situações urbanas de convívio no espaço da escala monumental, uma vez que a feira ocupa uma faixa próxima às vias do Eixo Monumental. Atualmente, a Feira apresenta uma situação paradoxal, no limite entre a alta visibilidade que seu lugar detém e a invisibilidade por sua improvisada situação. O grau de improviso das bancas, armadas com guarda-sóis, latas de tinta, tinta, numa estrutura que se fecha com lona preta vulgar de plástico para se proteger da chuva e da noite cria algo informe e medonho, que quando aberta torna-se até pitoresco. Diante disso, o desafio era propor infraestrutura para os vendedores e visitantes, serviços de café e sanitários, além de áreas de estar, redefinindo a relação com a Catedral e com a paisagem monumental do Eixo.

Ainda na escala urbana, mas considerando a escala gregária a articulação dos setores centrais foi tratada a revitalização da Galeria do Estados. Trata-se de uma passagem semi-enterrada projetada nos anos 70 e que perfaz a conexão do Setor Comercial com o Setor Bancário Sul, articulando-se com ainda o metrô. O grande fluxo humano e seu uso frequente, com atividades comerciais variadas que substituíram os usos originais define um espaço em que a decadência espacial se contrapõe ao intenso uso e ao caráter estratégico. Diante disso, o desafio era propor um novo desenho urbano que soubesse valorizar o piso de cerâmica dos anos 70, repensar as atividades existentes e propor usos e serviços condizentes com as demandas atuais, numa escala em que a paisagem urbana de Brasília não é monumental, mas permanece singular.

Atualmente, a atividade de projeto trabalha com uma intervenção para ampliação e modernização da Biblioteca Central da UnB – BCE. Trata-se uma obra importantíssima no conjunto de caráter representativo da Universidade, compondo com a Reitoria parte da Praça Maior. Além disso, o autor do projeto, o arquiteto José Galbinski, que permanece em atividade e tem especial zelo pela obra, uma vez que se trata do primeiro edifício destinado a uma biblioteca universitária construída especialmente para este fim no país. A farta documentação de projeto, incluindo croquis, desenhos, cópias heliográficas, fotografias, contratos, correspondência construiu um referencial muito oportuno para atuar com mais interesse pela conservação arquitetura do campus, sendo possível refletir sobre suas transformações. Diante disso, o desafio é redefinir o valor simbólico e sua inserção paisagística no *campus*, inclusive sua relação com o Lago Paranoá. É preciso ampliar os espaços de acervos e pesquisas, ampliando em 50% a área para acervo de livros e periódicos. É preciso repensar os usos e as destinações atuais dos espaços, prover a BCE com mais facilidades para os milhares de usuários

que a frequentam, incluindo mobiliário, salas de estudos para alunos de graduação e de pós-graduação, além de rever e adequar-se às questões de acessibilidade e saídas de emergência.

„,no começo era o ermo, mas e agora?

Com este conjunto de exercícios de projeto em Brasília foi possível formular as questões acima expostas sobre o enfrentamento do patrimônio moderno, sobre o valor da arquitetura moderna e sobre o desafio de pensar o valor histórico de obras tão recentes numa paisagem urbana também histórica. Trata-se de um enfrentamento proposto para os alunos de PROAU que de certo modo recupera questões do processo pedagógico das múltiplas escala do projetar, adicionando a questão do tombamento como uma constante que adquire a real grandeza como parte intrínseca ao problema de projetar em Brasília. Aqui em Brasília, somente através de um diálogo lúcido, crítico e bastante seguro sobre a arquitetura moderna será possível projetar e debater a inserção de arquiteturas contemporâneas.

Dentro dos próprios desafios e limites que uma disciplina de projeto possibilita empreender, torna-se estimulante pensar sobre as especificidades de projetar em Brasília. Para Argan, a história da arquitetura tem uma presença vital na concepção arquitetônica —não porque fornece modelos, ou resultados modelares para as novas práticas— mas porque é dentro das perspectivas histórica que as questões relacionadas a um dado projeto podem ser evidenciadas para pensar novos projetos. Para tanto, Tafuri afirma que a história prepara bases para novas aventuras de projetar ao redimensionar radicalmente os dados de um problema de projeto diante do lugar a que se destina.

Neste sentido, recobrar aos alunos a dimensão de projetar em Brasília se configura como problema de fundo que esta disciplina de projeto enverga. Afinal, entre o original, o moderno e o monumental, caberá a eles, como arquitetos e urbanistas, as responsabilidades de reformular a agenda —incluindo a questão da forma— e projetar em Brasília. Se no começo era o ermo e a arquitetura de Oscar Niemeyer era imprescindível para fundar cidade-capital, hoje, definitivamente, já não mais serão suas arquiteturas que poderão “*pilotar*” a cidade, complementar seu Plano Piloto, resolver os atuais dilemas desta cidade-capital, abrindo miríades imprevisíveis para o risco do futuro.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

REFERÊNCIAS

- ARGAN, G. C. *Projeto e destino*. São Paulo: Ed. Ática, 2001.
- BANDARIN, F.; VAN OERS, R. *The historic urban landscape: managing heritage in an urban century*. Londres: Wiley-Blackwell, 2012.
- BAYARD, P.S. *The architecture of additions*. Londres: W.W.Norton, 1998.
- BONDUKI, N. *Intervenções urbanas na recuperação de centros históricos*. Brasília: IPHAN, 2010.
- CATALDO, B.; RAMOS, G. *Brasília aos 50 anos. Que cidade é essa?*. Brasília: Tema Editorial, 2010.
- COSTA, L. *Lucio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- FICHER, S.; SCHLEE, A. R. *Guia de obras de Oscar Niemeyer. Brasília 50 anos*. Brasília: IAB-DF/Câmara dos Deputados, 2010.
- IMRIE, R.; LEES, L.; RACO, M. *Regenerating London. Governance, sustainability and community in a global city*. Londres: Routledge, 2010.
- KEARNS, P.; RUIMY, M. *Redrawing Dublin*. Gandon Editions, 2010.
- LEITÃO, F. (Org.). *Brasília 1960-2010: passado, presente e futuro*. Brasília: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente (SEDUMA), 2009.
- NIEMEYER, O. *Minha arquitetura: 1937-2004*. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2004.
- NIEMEYER, O. *Oscar Niemeyer: 1999-2009*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- PIÑON, H. *Teoria do projeto*. Porto Alegre: Livraria do arquiteto, 2006.
- ROSSETTI, E. P. *Arquiteturas de Brasília*. Brasília: ITS, 2012.
- SEGAWA, H. *Arquitetura no Brasil 1900-1999*. São Paulo, Edusp, 1998.
- SILVA, E. *História de Brasília*. Brasília: Linha Gráfica Editora, 1997.
- STEVENS, G. *O círculo privilegiado: fundamentos sociais da distinção arquitetônica*. Brasília: EDUnB, 2003.
- TAFURI, M. *Teoria e história da Arquitectura*. Lisboa: Editorial Presença. 1988.
- TAFURI, M. *Projecto e Utopia*. Lisboa: Editorial Presença. 1985. 1ª Ed.